

Início da queda da Selic muda cenário de investimentos

Ata do Copom divulgada pelo BC prevê cortes graduais dos juros, mas de olho na inflação

Com a decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) de sinalizar o início de um ciclo de redução da taxa básica de juros, o mercado financeiro passou a mudar as expectativas para a economia e para os investimentos nos próximos meses. A ata da reunião mais recente, divulgada pelo Banco Central nesta semana, indica que a Selic, atualmente em 14,75% ao ano, pode “começar a cair gradualmente, desde que o cenário inflacionário continue apresentando melhora consistente”. O documento mostra que o Copom avalia “haver avanços no processo de desinflação”, mas mantém postura cautelosa diante de riscos ainda presentes. Entre os pontos de atenção estão a inflação de serviços, considerada mais resistente, o mercado de trabalho aquecido e as incertezas do ambiente externo, especialmente relacionadas às condições financeiras internacionais.

Segundo o Banco Central, “a

eventual flexibilização da política monetária ocorrerá de forma gradual e dependerá da evolução dos indicadores econômicos”. A autoridade monetária reforça que “a magnitude e a duração do ciclo de cortes não estão previamente definidas e serão ajustadas conforme o comportamento das expectativas de inflação e da atividade econômica”. - cita a Ata. A sinalização busca equilibrar dois objetivos: “permitir a retomada gradual do crescimento econômico sem comprometer a convergência da inflação à meta de 3% no horizonte relevante”. Por isso, mesmo com a perspectiva de queda dos juros, o Copom destaca que “a política monetária deverá permanecer em território restritivo por um período prolongado”.

Opções de investimentos

O cenário de juros ainda elevados mantém a renda fixa como a opção mais segura no



Mercado 'aposta' que ciclo de alta dos juros não deve durar muito tempo

mercado financeiro. Com a Selic em 14,75% ao ano, aplicações atreladas ao Certificado de Depósito Interbancário (CDI) ou à própria taxa básica Selic continuam oferecendo retornos considerados mais atrativos, sobretudo em comparação a períodos recentes de juros mais baixos.

Simulações do mercado indicam que investimentos relativamente conservadores seguem capazes de gerar ganhos relevantes. Um aporte de R\$ 5 mil em títulos pós-fixados, como Tesouro Selic ou Certificados de Depósito Bancários (CDBs) indexados ao CDI, pode apresentar rendimento significativo enquanto os juros permanecerem elevados, o que sustenta o interesse dos investidores por produtos de menor risco no curto prazo. Especialistas, no entanto, alertam que o ambiente de juros altos também amplia a exposição a promessas enganosas de rentabilidade. Para Marcos Melo, mestre em finan-

ças e professor do Ibmec Brasília, o investidor deve redobrar a atenção diante de ofertas que prometem ganhos muito superiores à taxa básica. “Com a Selic em 14,75% ao ano, o investidor precisa tomar cuidado com ofertas tentadoras de aplicações com rentabilidade muito maior que a taxa básica” - afirma. Segundo ele, “a busca por crescimento rápido do patrimônio pode tornar investidores mais vulneráveis a propostas que prometem retorno elevado com aparente segurança”. Melo explica ainda que todo investimento envolve o equilíbrio entre três pilares: rentabilidade, liquidez e segurança. A rentabilidade corresponde ao retorno obtido sobre o valor aplicado; a liquidez indica o prazo necessário para resgatar o investimento; e a segurança representa a confiança de que o retorno ocorrerá conforme esperado. Para ele, não é possível aproveitar simultaneamente os três fatores, pois investimentos

seguros tendem a oferecer retornos menores, enquanto aplicações mais rentáveis geralmente envolvem maior risco ou menor liquidez. “Se uma oportunidade apresentar alta rentabilidade, alta liquidez e alta segurança ao mesmo tempo, o investidor deve desconfiar. A maior chance é de que seja um engodo”, alerta.

A possível redução da Selic também tende a alterar aos poucos a estratégia dos investidores. Historicamente, ciclos de queda de juros reduzem a atratividade da renda fixa pós-fixada e incentivam a diversificação para títulos prefixados, papéis indexados à inflação e ativos de maior risco, como ações e fundos multimercados. Porém, enquanto os juros permanecerem em níveis elevados, aplicações conservadoras continuam competitivas e relevantes para a proteção do patrimônio, especialmente em um ambiente ainda marcado por incertezas econômicas.

Tesouro Direto registra R\$ 8,25 bilhões em investimentos em fevereiro

Os investimentos de pessoas físicas em títulos públicos somaram R\$ 8,25 bilhões em fevereiro, segundo dados divulgados pelo Tesouro Nacional nesta quarta(25). O resultado representa o maior volume já registrado para meses de fevereiro desde a criação do programa, em 2002, e reforça o crescimento da procura por aplicações de renda fixa em um cenário de juros elevados no país. Ao todo, foram realizadas 805.676 operações no período. Os resgates antecipados atingiram R\$ 3,6 bilhões, o que resultou em emissão líquida de R\$ 4,65 bilhões no mês — quando as vendas superaram os saques. O valor médio por aplicação ficou em R\$ 10.242,74, enquanto operações de até R\$ 1 mil responderam por 51,7% do total,

indicando forte participação de investidores de menor porte.

Os títulos atrelados à Selic responderam por R\$ 4 bilhões em vendas, equivalentes a 49% do total. Na sequência aparecem os títulos corrigidos pela inflação (IPCA), com R\$ 3,1 bilhões (38%), e os prefixados, que somaram R\$ 1,1 bilhão, ou 13% das aplicações. Fevereiro também marcou o início, ainda em fase de testes, da oferta do Tesouro Reserva, novo título público indexado à Selic e sem marcação a mercado. O papel permite negociações todos os dias da semana, inclusive fins de semana e feriados, e pode ser adquirido com valores a partir de R\$ 1. Em relação aos prazos, a preferência dos investidores concentrou-se nos títulos com vencimento en-



Divulgação

Tesouro Direto: investidores emprestam dinheiro ao Governo

tre cinco e dez anos, responsáveis por 67,6% das vendas. Papéis com prazo superior a dez anos representaram 26,1%, enquanto aplicações entre um e cinco anos corresponderam a 6,3% do total

negociado. O estoque total do Tesouro Direto alcançou R\$ 226,9 bilhões ao fim de fevereiro, crescimento de 3% em relação ao mês anterior e avanço de mais de 38% na comparação anual. A expan-

são reflete tanto a entrada líquida de recursos quanto a atualização dos títulos pelos juros acumulados. O número de participantes também continuou em alta. Mais de 222 mil novos investidores ingressaram no programa apenas em fevereiro, elevando o total para 34,8 milhões de cadastrados. Já o número de investidores ativos — aqueles com aplicações em aberto — chegou a 3,45 milhões, com aumento superior a 14% em 12 meses. Criado para ampliar o acesso da população aos títulos públicos federais, o Tesouro Direto permite investimentos online com diferentes tipos de remuneração e prazos, tornando-se uma alternativa de aplicação financeira diretamente vinculada ao financiamento da dívida pública federal.